

A lente que me devolveu o mundo: um anúncio transdisciplinar da Etnomatemática

Renata Martins Pereira

Parintins, Amazonas, Brasil

rmp.mca25@uea.edu.br

Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC)

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

<https://orcid.org/0009-0000-9259-5029>

Durante muito tempo, eu achei que enxergava bem a matemática. Ela era nítida, organizada e envolvente. Cabia no quadro, no caderno, nas respostas únicas que não admitiam erro. Eu aprendi assim e por muito tempo, acreditei que era assim que ela deveria ser. O curioso é que, mesmo achando que enxergava tão bem, havia coisas que eu não via. Ou talvez visse, mas não reconhecia.

Foi quando entrei no curso de Licenciatura em Matemática, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que algo começou, aos poucos, a mudar. Mas a mudança mesmo aconteceu no quinto período, em uma disciplina chamada Metodologia e Prática do Ensino de Matemática. Ali, a professora nos apresentou diferentes formas de pensar o ensino e nos dizia que não bastava saber matemática, isso era o mínimo. Era preciso entender como o outro aprende e, mais do que isso, perguntar, porque são as perguntas que mobilizam o conhecimento. Foi nesse contexto que ouvi, pela primeira vez, a palavra Etnomatemática. Naquele momento, pensei que fosse só mais uma metodologia. Eu ainda não sabia, mas estava sem a lente.

Como parte da disciplina, precisei desenvolver uma atividade prática. A turma foi dividida em grupos, e cada grupo ficou responsável por uma abordagem, o meu ficou com a Etnomatemática. E foi assim que fomos parar na feira de Parintins, na verdade, em mais de uma feira. Fomos observar, conversar, perguntar, ver como as coisas aconteciam de verdade. E o que encontramos não cabia no caderno. Os feirantes mediam sem régua, pesavam sem balança, acertavam quantidades no olhar. O litro não era só uma medida



padronizada, era um combinado. Vimos medidas em frascos, em sacos, em baldes, em latas. O mesmo litro que, na escola, mede líquido, ali media tapioca, beiju, farinha. Conversamos com os feirantes, perguntamos de onde vinham os produtos e percebemos que muitos vinham de comunidades ribeirinhas, de lugares como aquele onde eu cresci. Sem perceber, eu já estava atravessada por uma vida de essência transdisciplinar.

Depois dessa imersão, voltamos para a universidade. Nossa tarefa era apresentar uma aula, para os nossos próprios colegas, levando em consideração a abordagem Etnomatemática e o conteúdo sorteado, Medidas convencionais e não convencionais. Para isso, levamos balança, recipientes, histórias. Começamos perguntando se eles conheciam aquelas medidas, se já tinham usado, se aquilo fazia parte da vida deles. E fazia. A sala, que antes parecia homogênea, começou a se encher de histórias. Muitos ali também vinham de comunidades, conheciam aquelas práticas, também sabiam, mesmo sem chamar de matemática. E foi ali que aconteceu. Não foi uma explicação, não foi um conceito. Foi um lampejo. Como quando a gente coloca uma lente pela primeira vez e, de repente, tudo se ajeita.

A matemática deixou de ser uma só e apareceu de muitos jeitos. Deixou de ser distante e ficou próxima, passou a fazer sentido. Foi ali que a Etnomatemática me apareceu de verdade, não como metodologia, mas como mudança, como um jeito novo de olhar. Um jeito de entender que o conhecimento não vem separado, organizado em disciplinas rígidas. Ele vem misturado com a vida, com a cultura, com o trabalho, com a história, transdisciplinar.

E então eu voltei. Voltei para a minha própria história. Eu nasci e cresci em comunidade ribeirinha, indo para a roça, participando da produção de farinha, vivendo um cotidiano cheio de saberes que nunca precisaram de quadro para existir. No barracão de farinha, ninguém fala em matemática, mas tudo ali é matemática: o tempo do forno, o ponto da massa, a quantidade na mão, o ritmo do trabalho. É um saber que se aprende



fazendo, observando, vivendo. E, mesmo assim, quantas vezes eu ouvi e até repeti que ali não havia conhecimento.

A lente não só mostrou, ela também doeu, porque me fez perceber o quanto eu mesma aprendi a não reconhecer aquilo que sempre esteve comigo. No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mesmo sem conseguir voltar ao campo como eu queria, continuei nesse caminho. Fui para os textos, para os autores, para as ideias e entendi que a Etnomatemática não era só uma metodologia. Era um campo, uma escolha, uma forma de se posicionar no mundo. Foi também nesse percurso que encontrei a imagem que nunca mais me deixou: a Etnomatemática como uma lente. Uma lente que não muda o mundo, mas muda a forma como você vê o mundo.

No mestrado, eu retorno. Mas não retorno para descobrir algo novo. Retorno para enxergar melhor. Volto para as comunidades, para as turmas multisseriadas, para o barracão com um olhar transdisciplinar que já não consegue separar o que antes parecia separado. Ao longo da formação, em programas como a Residência Pedagógica e a Monitoria, fui percebendo algo que ainda me inquieta: muitos professores não trabalham nessa perspectiva, não porque não queiram, mas porque não sabem como fazer. E eu entendo, porque também estou aprendendo. Fomos formados dentro de uma lógica que separa, que fragmenta, que distancia. Mudar isso não é simples, mas é necessário.

Hoje, quando penso na minha pesquisa, não penso só em ensinar matemática. Penso em ajudar a ver, em abrir caminhos, em mostrar que aquilo que parece invisível nunca deixou de existir. Porque a matemática sempre esteve nos corpos, nos fazeres, nas histórias. O que nos falta é aprender a ver. E foi assim que a Etnomatemática não me ensinou outra matemática. Ela me devolveu o mundo, o mesmo mundo, agora mais nítido, como quando a gente aprende a enxergar de novo.



**A Lente que me devolveu o mundo:
um anúncio transdisciplinar da Etnomatemática**

**The Lens that Gave Me Back the World:
a transdisciplinary announcement of Ethnomathematics**

**La Lente que Me Devolvió el Mundo:
un anuncio transdisciplinario de la Etnomatemática**

Resumo

Esta crônica narra o encontro de uma professora em formação com a Etnomatemática. A partir de uma experiência vivida na formação inicial, a autora descreve um momento de deslocamento de seu olhar sobre a matemática, marcado por um lampejo que evidencia o caráter transdisciplinar do conhecimento matemático. Ao longo de sua trajetória acadêmica, esse olhar se amplia e possibilita o reencontro com saberes de sua própria origem ribeirinha. A narrativa propõe compreender a transdisciplinaridade como um modo de ver e produzir conhecimento, reafirmando a Etnomatemática como possibilidade de aproximação entre escola, cultura e vida.

Palavras-chave: Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Encontros.

Abstract

This chronicle narrates the encounter of a teacher in training with Ethnomathematics. Based on an experience lived during her initial education, the author describes a moment of shifting her perspective on mathematics, marked by a spark that reveals the transdisciplinary nature of mathematical knowledge. Throughout her academic journey, this perspective expands and enables a reunion with the knowledge of her own riverside origins. The narrative proposes understanding transdisciplinarity as a way of seeing and producing knowledge, reaffirming Ethnomathematics as a possibility of bringing school, culture, and life closer together.

Keywords: Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Encounters.

Resumen

Esta crónica narra el encuentro de una profesora en formación con la Etnomatemática. A partir de una experiencia vivida en la formación inicial, la autora describe un momento de desplazamiento de su mirada sobre la matemática, marcado por un destello que evidencia el carácter transdisciplinar del conocimiento matemático. A lo largo de su trayectoria académica, esa mirada se amplía y posibilita el reencuentro con saberes de su propia raíz ribereña. La narrativa propone comprender la transdisciplinariedad como un modo de ver y producir conocimiento, reafirmando la Etnomatemática como una posibilidad de aproximación entre escuela, cultura y vida.

Palabras clave: Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Encuentros.

